

## Destinos da autonomia

MARCOS EINIS (\*)

O campo psicanalítico contemporâneo vive uma metamorfose crítica que o confronta, actualmente, e provavelmente mais do que nunca, com os seus próprios limites.

A psicanálise não cessou, desde o seu início, de interrogar as modalidades que mantêm todo o efeito sujeito na orla do discurso onde ele pode advir.

A questão torna-se mais relevante quando se constata que a função de inscrição diferencial da letra inconsciente parece, hoje, neutralizada por uma economia relacional que se ordena segundo um código fechado comportando vectores operatórios por vezes díspares, mas cuja coerência é detectável com o radical questionamento que provocam no que respeita ao próprio desenvolvimento do sujeito na sua relação com o objecto mutante (1).

Prosseguir, nesse contexto, «um trabalho de mutação» exige (mais uma vez) que se

identifique o ponto em que o esforço empírico encontra os limites traçados pela sua própria conceptualização. Com vista a melhor apreender este aspecto da questão, limitar-me-ei a interrogar uma zona de cruzamento particularmente significativa:

- a convergência de certas considerações actuais saídas da experiência e da prática analíticas, relativas aos «estados limites» ou «patologia do inorganizado».
- o que se manifesta como práticas sociais da neutralização e da indiferenciação.
- a maximização do recurso ao código que é acompanhado por uma definição operatória do dizível que já não liga a presença de um não-dito à prática do discurso.

Trata-se, assim, de determinar se há ainda uma via por onde o sujeito se possa fazer presente na ordem do discurso, quando as línguas formais «evoluídas» lhe vêm baralhar as pistas. Linguagens formais que cristalizariam lógicas de «transparência» em que a ausência de referencial apagaria, ao mesmo tempo, os fantasmas relativos ao referencial e o modo de fantasmaticização da

(\*) Psiquiatra e psicanalista.

(1) Não é de excluir a hipótese de as contradições no seio das instituições psicanalíticas enquanto instâncias de ligação entre uma realidade social em mudança e uma prática tão singular, fazerem parte do mesmo estado de coisas enquanto emergências simétricas — do lado das analisadas — da resistência à análise das condições de aparecimento destas mesmas descontinuidades.

ausência, que mantinham uma certa ordem simbólica e uma certa incidência do real. Este neo-real da «transparência» que dispensaria o referencial — que, contudo, é estruturado e vector de estruturação — não é já um termo que faça a triagem, seja o primeiro a sua causa ou a sua ficção (donde o zero do organizador, que se inscreve no encadeamento como realidade do traumatismo ou como ilusão do fantasma, não é, de qualquer forma, organizador).

Este neo-real, que distribui a repetição, esvazia a existência dos objectos de uma referência à insatisfação, tal como o desejo do sujeito de uma referência à unidade satisfeita. Esta busca da unidade satisfeita parece ceder o lugar a uma corrida mortífera em direcção a um «o mais perto possível» do grau zero da excitação, neutralização de toda a tensão, concordância absoluta.

É uma estratégia narcísica, mais do que uma economia, que se desenvolve à sombra de uma certa transparência social, rumo à anulação do circuito susceptível de abrir as vias da identificação e do ter, ao preço da dissolução dos antigos *écrans* identificatórios. Esta estratégia assenta numa verdadeira lógica da desfiguração, de uma prática sintomática da simulação...

Estas variáveis atravessam igualmente o espaço do analítico onde a resistência se traduz por um formidável esforço de anulação. O que, no campo sócio-cultural, é identificável como deslocalização invisível, circulação oscilante sem ancoragem nem referente, reencontra-se na clínica com esta mesma ausência de um estado de metaforização que assegure a neutralização do objecto.

Ei-nos, assim, colocados perante esta desfiguração fundamental. O vazio, na sua desligação radical, habitado pela irrupção do inorganizado, apela para esta via do compromisso último que a inibição repre-

senta. Esta é o efeito de impasse do impensável; testemunha impotente, está aí para dar conta de uma desligação primordial. É ela que denuncia a ausência de sintoma ou, melhor, o fracasso do sintoma em afastar o sujeito da paixão mortal que anima a sua imagem narcísica.

A desligação fundadora de uma ordem simbólica é o nome-do-pai que lhe garante o destino.

O nome-do-pai representa, na medida em que se inscreve simultaneamente como idêntico e não-idêntico a si próprio. Ele joga-se no entre-dois para abrir a via por onde o sujeito, enquanto tal, estará presente no espaço da linguagem. O sentido virá depois, produto do encontro, da articulação.

Mas quando cada termo está cheio — de sentido — ele não faz mais do que representar-se a si mesmo e ao entre-dois, e torna-se, ao mesmo tempo, lugar de excesso daquilo que liga e deserto da ausência.

E se o lugar atribuído à lei transcendente do pai na ultrapassagem da relação dual alienante pela assunção interna de uma ordem simbólica, deixar de assegurar, num qualquer rearranjo identificatório, a função de troca pelo reconhecimento do outro, então a atomização dos laços sociais e a dissolução das estruturas edipianas anunciariam um espaço de metaforização materna, nova matriz de substituição, código continente-fechado, sistema fechado face ao qual já não há questão de separação culpada e ambivalente, mas de sacrifício reconfortante na assistência fusional ou na queda radical no fora-de-cena.

À ambivalência edipiana e à transgressão da lei, sucederiam a indiferença, a condenação em superfície, o social da simulação até à simulação do social.

O mundo edificar-se-ia, então, como um espelho em que o outro — o outro da diferença — está apenas para assegurar o preenchimento da sua própria imagem, que só a sedução — último avatar de uma

revolução sem heróis — tende a perpetuar no espaço inerte e mole da assistência nirvânica.

O teatro deslocou-se, situa-se no aquém da castração. No próprio ponto em que a dissolução das trocas se confunde com o vazio.

... Mas o abandono do objecto, o seu desinvestimento, não conduzem necessariamente ao investimento de um espaço dito «pessoal». Ele traduz a tentação de se posicionar pela fuga, no além do sonho, que sucede à frustração repetida do objecto. E assim, após o abandono da luta, é na aspiração do nada que se encontra a verdadeira significação da pulsão de morte. Dissolução dos conjuntos, desligação das emergências, potência de desagregação.

No mesmo movimento, projectando nada menos do que a sua própria autonomia, o sujeito aventura-se numa perigosa aventura: permitir ao objecto que incarne, enfim, o mito; o de ser um, único, sem predecessores nem sucessores. Reprodução do mesmo apagando o seu próprio traço. O espaço, no que respeita ao outro, torna-se supérfluo. Compete, decerto, à indiferença o desempenho do seu papel de suportar o fracasso do fantasma no seu incansável esforço, monótono, de voltar ao mesmo, como a repetição que se inclina diante da pulsão de morte para melhor a mimar e desfazer a caminhada irremediável para a anulação e o zero que ela lhe assinala. Nesta ficção do neutro, a diferença abre o espaço pelo qual o gozo se jogará noutra coisa que não a morte, noutra coisa que, destacando-se do corpo, metaforiza o que nela está em causa. *Mas em que é que se torna o sujeito quando é o próprio espaço de metaforização que está em vias de desaparecer?*

Questão de limites? Não do discurso, mas do que se mantém à escuta dos analistas.

De qualquer modo, é notável constatar a inadequação de certo código interpretativo que já não pode fazer «corpo unitário» com os dados clínicos emergentes nestes últimos decénios. É provável que os estados limites, *boderlines*, personalidades narcísicas e outros modos de expressão em voga daquilo que desigmo aqui por «figuras do inorganizado», representem os emergentes patológicos deste continente sócio-cultural em plena metamorfose.

Se elas constituem o rochedo incontornável da análise, é porque elas próprias incarnam o espelho, instaladas numa «oscilação instável» que confere a estes «casos» simultaneamente o seu aspecto limite e a transcendência face ao campo analítico, condicionando o deslocamento da escuta rumo a novas posições subjectivas.

É assim que se dá conta desta metamorfose do que está em causa, imaginário, no pedido, enquanto profundamente solidário de uma série de comportamentos sociais, emergindo em registo diferentes, e atestando um deslocamento ou mesmo uma mutação nas figuras do desejo que mantém as nossas sociedades pós-industriais.

Noutros termos, as mudanças em redor da psicanálise não são inteiramente heterogêneas a um certo deslocamento de perspectiva da visão da realidade psíquica tal como ela é percebida *na* situação analítica.

Mas dizer que o que está em causa, imaginário, no pedido, está em plena metamorfose supõe que a resistência encontre novas indumentárias (?).

Então, face a estas novas formas da organização narcísica, quais são as armas da razão, quando a ordem do ilusório derrubada, quando a subversão já não é representada pela clivagem mas pela indistinção, quando é a simulação que geral o real?

Neste neo-real exclusivamente operacional, produzido a partir de matrizes, de modelos, de memórias estranhas a qualquer

inscrição, o sujeito não tem, sequer, que procurar um lugar. Além da extra-territorialidade do sonho, é a deslocalização intemporal do sono que o aspira.

Tal como a heroína de Alien, ele parece, mais do que nunca, hibernar num espaço flutuante, ao ritmo do tempo morto, à procura de uma fronteira perdida.

Retirada narcísica na aceitação absoluta e na neutralização de toda a tensão.

Indistinção dos espaços por uma circularidade perpétua do código que anula toda a oposição dualista, todo o face-a-face esterilizante. É o fim do referente: Tudo está em Tudo.

Além do semelhante, cristalizado na ima-

gem narcísica do espelho óptico, a reprodução electrónica, invisível, pela radical estranheza do código, assinala-nos, na sua reprodução ao infinito, o excesso da origem (ou a sua falta). É um outro-outro.

No outro radicalmente outro, a imagem já não é suporte. A ausência de representação corresponde a insuportável heterogeneidade monstruosa da aberração.

Curioso fantasma esse que se mostra, além do espelho e na queda da imagem, na operacionalidade perfeita, no desvanecimento de todo o suporte, na abolição de toda a inscrição; *a emergência do inumano na reversibilidade que o habita: o próprio humano tornado interferência aberrante.*